

- POIZNER, H.; KLIMA, E. & BELLUGI, U. (1987) **What the hands reveal about the brain**. Cambridge: MIT Press.
- SANTIAGO, N.V. **Eficiência do treino para o desenvolvimento do repertório verbal em carentes culturais**: implicações para o contexto educacional. Tese doutorado, IPUSP, 1977.
- SANTOS, L.M. dos (1975) **Remediação da criatividade verbal**: estudo comparativo de critérios e procedimentos. Tese de doutorado, IPUSP, São Paulo.
- REITMAN, S.W. (1990) A preliminary, model of pre-service teacher education as a preparation of professional artist. *The Journal of Creative Behavior*, 24(1):21-38.
- SMITH, M.K. (1991) Inventions and the creative process. *The Journal of Creative Behavior*, 25(3):267-272.
- THOM, R. (1991) A dangerous illusion. *New Ideas in Psychology*, 9(2):233-234.

Falta indicar a publicação maior: onde foi publicado?

A NOVA TRAJETÓRIA DA PSICOLOGIA ESCOLAR (*)

Solange M. Wechsler
(PUCCAMP)

Raquel S. Lobo Guzzo
(PUCCAMP)

RESUMO

O propósito deste trabalho foi o de traçar o perfil do psicólogo escolar brasileiro. Com esta finalidade foi realizada uma pesquisa com 139 participantes do I Congresso Nacional de Psicologia Escolar, realizado em 1991. O instrumento utilizado foi um questionário abrangendo tanto as áreas de formação quanto de atuação em psicologia escolar. Os resultados obtidos apontam a existência de importantes mudanças na concepção e atuação dos profissionais desta área, levando a conclusão de que está existindo uma nova trajetória da psicologia escolar no país.

I. INTRODUÇÃO

Frente a grave realidade do sistema educacional brasileiro, que se reflete através das altas taxas de evasão e repetência, cabe-se perguntar qual é a contribuição que a psicologia escolar pode dar para a solução ou redução deste fenômeno? De que maneira atuar? Qual é o modelo mais adequado para ser utilizado pelo psicólogo escolar que atua dentro das circunstâncias sócio-econômicas limitadoras do ensino público brasileiro?

Estas são as questões centrais sobre as quais têm-se debatido aqueles que se dedicam à psicologia escolar no Brasil. Os problemas que permeiam a atuação deste profissional são colocados desde a sua formação, e os parâmetros para a sua atuação são procurados dentro de um âmbito internacional, afim de subsidiar um modelo mais amplo de intervenção.

(*) Trabalho apresentado na Reunião da Associação de Pós Graduação em Psicologia - ANPEPP, Brasília, maio/92.

A concepção que se tem, do psicólogo escolar, à nível internacional (ELLIOT E WITZ, 1986) é a de um profissional que, de acordo com a sua formação e experiências subseqüentes, trabalha para melhorar o processo ensino-aprendizagem em seu aspecto global: cognitivo, emocional e social, através de ações ou serviços oferecidos a indivíduos, grupos, famílias e organizações.

Existe também consenso internacional (REYNOLDS e GUTKINS, 1982) que a atuação do psicólogo escolar pode abranger uma ampla gama de serviços, tais como: prevenção, consultoria, intervenção, orientação psico-pedagógica, treinamento, ensino, supervisão, avaliação psicológica, desenvolvimento organizacional, seleção de pessoal, planejamento curricular, estimulação, reabilitação, aconselhamento vocacional e pesquisa. Estas atuações podem ser feitas de forma individual, grupal, institucional ou em equipes multidisciplinares.

Estas descrições sobre a atuação do psicólogo escolar apresentam um profissional altamente preparado para atuar em diversos contextos educacionais. Entretanto, este não é o perfil do psicólogo escolar brasileiro que encontramos descrito nas pesquisas realizadas sobre este assunto (WITTER, 1987; SANT'ANNA, 1984; GUZZO, 1987; WECHSLER, 1989).

Nos trabalhos sobre o psicólogo escolar brasileiro é relatado que este profissional não atua de maneira adequada à realidade educacional do país. O ensino universitário de psicologia é considerado como estando mais voltado para um modelo de atuação clínica do que educacional, mais voltado para o patológico do que para a saúde mental, apresentando uma grande preponderância de estágios na área clínica, e inexistência, em muitos cursos, de estágios na área escolar, segundo BASTOS, (1988) e WECHSLER, (1989).

Em um levantamento nacional realizado pelo órgão regulamentador de classe no Brasil, Conselho Federal de Psicologia (1988) tentou-se avaliar as características do psicólogo brasileiro. Através destes dados pode-se também obter uma melhor compreensão sobre o profissional que se dedica à área escolar no país. Nesta pesquisa, pode-se observar que, grande parte dos psicólogos escolares brasileiros (58%) descrevem a sua formação universitária como sendo bastante deficitária ou limitada. Entretanto, constata-se que estes profissionais não procuraram cobrir estas lacunas com cursos de extensão após a sua graduação. Os temas de curso relacionados para reciclagem após o curso universitário tendem a ser bastante similares aos de graduação, havendo preponderância de escolha por cursos sobre psicodiagnóstico (48%). Poucos são os psicólogos que mostram se interessar por tópicos em outras áreas tais como psicologia preventiva (3,2%), dificuldades de aprendizagem (0,9%), educação sexual (0,7%), criatividade (0,2%)

e distúrbios neurológicos (0,2%) que não são, geralmente, abordados nos cursos de graduação (WECHSLER, 1989).

A atuação do psicólogo escolar no Brasil tem também sido criticada por priorizar o individual, esquecendo-se do grupal, e por utilizar modelos inadequados à realidade brasileira. Neste sentido, insere-se a crítica ao uso excessivo dos testes psicológicos na escola, que têm sido empregados mais como uma abordagem clínica do que educacional, portanto, não acrescentando muito à possíveis estratégias de ação dentro do contexto da escola (WECHSLER, 1989a).

Todavia, os inúmeros questionamentos que vêm surgindo oriundos do descontentamento do público alvo, ou seja, da escola, e dentre os próprios profissionais que atuam com a psicologia escolar, quando às formas de melhor ajudar a educação, têm conseguido realizar algumas mudanças consideráveis nos últimos três anos. Tais mudanças embora ainda bastante sutis, pouco desenvolvidas ou divulgadas, estão conseguindo mostrar novas linhas de ações na psicologia escolar.

Novas experiências e propostas curriculares estão sendo realizadas por diversas instituições acadêmicas. Modelos de ação em ambientes educacionais, não diretamente ligados à escola tradicional, começam a despontar. A criação da primeira Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE), em 1988 em Brasília, e no ano passado, a criação da seção nacional da ABRAPEE foi um início da organização dos psicólogos escolares que desejam melhorar a sua atuação.

De uma forma mais ampla, o nível de desenvolvimento da ciência da psicologia escolar foi constatado durante a realização do I Congresso Nacional de Psicologia Escolar. Neste encontro, onde participaram mais de 400 psicólogos e educadores foram apresentados, aproximadamente 160 trabalhos, e 60 mesas redondas, sobre as diferentes possibilidades de se atuar em psicologia escolar considerando-se as características culturais, e sócio-econômicas do país. Neste sentido, este evento foi uma excelente oportunidade para o psicólogo escolar brasileiro se congregarem, debater e confrontar o quanto tem podido realizar na sua prática, muitas vezes isolada em um país, com tamanha dimensão geográfica como é o Brasil.

A possibilidade de traçar o perfil do novo psicólogo escolar ou do psicólogo que está emergindo através de todos estes questionamentos e buscas, foi o propósito desta pesquisa, que visou delinear as características deste profissional através de levantamento nacional realizado com os participantes do I Congresso em Psicologia Escolar, realizado em Valinhos (grande Campinas) em novembro de 1991.

